

Stadium

N.º 405 ★ 6 de Setembro de 1950 ★ 2\$50

Imagem do Belenense-Oriental, disputado na Tapadinha, que realça com perfeição o trabalho dos dois melhores jogadores em campo: Sérgio, o guardanetes sobrio, que não cometeu um erro; Pina, o atacante de fibra, endiabrado, que surpreende pela velocidade e decisão

Foto: JORGE GARCIA



NOMEAÇÕES EM MOLHO

OS superiores dirigentes conhecidos oficialmente sob a rubrica de Comissão Central de Árbitros convocaram-nos para uma reunião a que, por virtude do dia e hora, não pudemos comparecer, não deixando, porém, como é nosso hábito, de responder ao amável convite. De resto, há muito que entendemos que os objectivos de semelhantes reuniões, mesmo quando úteis, podiam ser alcançados de outra maneira não sobrecarregando ainda mais a vida do jornalista, já de si pesada. Se é para interessar os críticos desportivos na missão que está a ser desempenhada, torna-se evidente que estas pequenas assembleias eram puramente escusadas, pois esse interesse está na base da critica e do jornalismo.

E para dar conhecimento de certas decisões, bastaria a fórmula simples e cómoda do chamado *Comunicado*, ou outro qualquer do mesmo estilo e simplicidade. Falamos de uma maneira geral, aproveitando para o efeito o particular desta última iniciativa arbitral.

A Comissão Central presidida por uma figura (Acácio Rosa) que não se tem tornado notada no estudo das questões técnicas do Futebol e das suas regras, mas que reconhecemos ser um dirigente de boa prudência e com grandes faculdades de trabalho, na companhia de Reinaldo Torres e do árbitro Gaimiro Pereira, reuniu-se com os representantes da Imprensa para tornar conhecidos os princípios da arbitragem no aspecto administrativo que devem vigorar na época que começou este mês e a que apetece um trabalho fecundo e proveitoso. Nas suas linhas gerais revela-se, com a redução do número de árbitros, a preocupação de manter os juizes de campo em incessante actividade (orientação seguida, por exemplo, em Espanha), estabelecendo-se para todo o sempre o critério das nomeações secretas, já tentado igualmente no visinho País. Parece-nos que a orientação traçada enferma de vícios e deficiências que nos cumpre pôr em relevo para, no fundo, melhorar tanto quanto possível o próprio sistema apresentado que tem, ao menos, a virtude de demonstrar com convicção, mais uma vez, que o actual presidente dos árbitros é homem de acção, não de cruzar os braços. O que vamos dizer não passa de simples reparos. Enunciamos, pois, os três princípios da actual organização arbitral.

16 ARBITROS PARA A PRIMEIRA DIVISÃO — Já a designação destes árbitros podia dar alguma discrepância, mas num trabalho desta natureza nunca é possível concitar unanimidade de opiniões. Deixemos passar em claro a escolha.

Em princípio, a comissão designou dezasseis árbitros «permanentes» para os encontros da I Divisão, escolhendo os seguintes nomes: Lisboa — Abel Ferreira (Abel Pires-Silvério Bebian), António Serrano (Jaime Pires-Mário Ribeiro), Borques Leal (Martins Correia-Luis Magalhães), José Serandes (Domingos Godinho-Eduardo Gouveia), Luís Vilaça (António Calheiros-Joaquim Vilarinho) e Ribeiro Sanches (Rodríguez Santos-Santos Marques); Porto — Anísio Morgado (José Proença-Correia da Costa), Mateus Soares (Avelino Ribeiro-Avelino Lourenço) e Vieira da Costa (Abel Costa-Costa Martins); Santarém — Isidro Frago (Isidoro Mendes-Manuel Amaral), Paulo de Oliveira (Contente de Sousa-J. C. Melo) e Reis Santos (Amaro Serrano-José Maia); Setúbal — Evaristo Santos (José Trindade-Fernando Valério) e Libertino Domingues (Manuel Barulho-Manuel Rodrigues); Aveiro — Augusto Pacheco. Braga — José Teixeira. Indicam-se entre parêntesis os fiscais de linha que actuarão com cada um dos árbitros. Falta, portanto, escolher apenas os auxiliares dos juizes de Aveiro e Braga.

Havendo catorze desafios por domingo, o número destes *melhores ou privilegiados* é muito escasso, assim nos parece, pelo menos,

pois deverá prever-se os casos de doença e a impossibilidade de deslocação em casos de força maior. Mas isso é o menos. Não haveria no entanto prejuizo nenhum em alargar o referido número, dando-se a possibilidade a árbitros novos, que já revelaram qualidades, de ascender e de melhor se prepararem, enquadrando-os com os juizes tidos como mais categorizados. A preocupação de pôr os árbitros a arbitrar todos os domingos (há que contar também com desafios extras em dias de semana) não seria grandemente afectada se o número fosse alargado para vinte.

FISCALIZAÇÃO DO TRABALHO DOS ARBITROS — ELABORAÇÃO DE UMA TABELA DE CLASSIFICAÇÃO TORNADA PÚBLICA SEMANALMENTE — Já tivemos em tempo a fiscalização e o relatório secreto que agora se repõe em vigor, com mais força e importância. Enunciar o princípio da observação e fiscalização dos árbitros parece uma chicesse. Pelo menos, digamos, é uma redundância. Compete à Comissão Central, pelas suas próprias funções, — é de sua definição! — a observação e valorização dos juizes de campo, não se justificando a sua existência sem que cuide atentamente da arbitragem, sem vigiar, sem se interessar a todo o momento pelo trabalho dos árbitros em campo.

A observação dos árbitros não pode deixar de se fazer e a ela se têm entregue todos os que passaram pela referida Comissão, mas o difícil de descobrir são os meios de se proceder a essa análise e observação, pois avaliar o trabalho de um juiz de campo para o classificar ainda por cima é extraordinariamente difícil e melindroso. Mais ainda quando se procura relacionar o trabalho de um com o de todos os outros, julgando-o em valor relativo e dando-lhe uma nota que estabeleça o seu verdadeiro mérito. Nem sabemos de coisa mais difícil!

Que meios de observação adopta a Comissão Central? Ela própria o diz: a referida fiscalização será exercida por delegados seus, que para o efeito se deslocam aos campos.

Temos, portanto, que os árbitros vão trabalhar um pouco na agitação nervosa de que, por detrás deles, estará um rosto coberto de máscara mas com os olhos bem abertos, o qual julgará o seu trabalho, tendo de se pronunciar necessariamente sobre factos desconhecidos de quem vê, pois só deles se apercebe o próprio árbitro. Mas quem serão esses indivíduos? Que crédito deve merecer a sua apreciação, sabido como é que o futebol gera uma paixão exacerbada que desponta mesmo nas pessoas mais cultas e na sua vida privada mais atiladas? Basta pensar que esses delegados devem ser indivíduos vivendo no ambiente em que se efectuam os jogos — a Comissão Central não dispõe de meios económicos suficientes para se ter uma ideia da imperfeição do julgamento, aliás, para o árbitro, mais importante que o juízo do público, quase sempre o melhor julgador, da critica, de todos. E onde recrutar o corpo de juizes dos juizes de campo? Nos dirigentes, nos antigos árbitros, em pessoas de reconhecido bom senso, mas sabendo apenas das Regras as disposições mais gerais? Temos que estes problemas não poderão estar a cargo apenas de pessoas de boa vontade. É preciso mais alguma coisa.

NOMEAÇÃO SECRETA. E DE UMA VESADA PARA TODOS OS ENCONTROS — As nomeações passam a ser secretas talvez para libertar os árbitros de pressões externas, casos raríssimos no nosso meio. Essa pressão, a verificar-se, agora, só terá início uma hora antes de começar a partida, embora se saiba, de qualquer forma, que ele será um dos dezasseis privilegiados. Além da curiosidade da *nomeação secreta*, a Comissão Central pôs a funcionar o sistema de fazer todas as nomeações para todos os encontros, antes do abrir da temporada.

Sem dúvida, a designação não-tornada pública do árbitro senão na altura indispensável tem segura defesa, e alguns factos sucedidos na época transacta dão-lhe um sinal intenso de necessidade. Mas o mesmo não se poderá afirmar das nomeações de facto, princípio errado e só concebido por quem andar no mundo das abstracções a olhar para as estrelas, não sentindo as realidades e ignorando as dificuldades que o árbitro encontra no desempenho da sua missão. Temos a impressão de que, nomeando-se os árbitros, secretamente, todas as semanas, se atingiria melhor os objectivos em vista, contribuindo-se para o desenvolvimento regular das partidas. Com a vantagem de não se provocar nem atear o fogo. De resto, afigura-se-nos muito difícil conservar o segredo da nomeação até à última hora, porque os árbitros tendo as suas ocupações e a sua vida precisam de saber com tempo suficiente a partida que se lhes destina.

Todos sabemos que a capacidade dos árbitros difere, e que a sua linha de direcção se revela também diferentemente. Uns, por exemplo, são mais enérgicos do que outros. Pois bem! As nomeações não podem ser feitas ao acaso, tirando um nome à sorte, mas não se poderá deixar de ter em conta a personalidade do juiz de campo e a qualidade e importância da partida a dirigir. É perfeitamente admissível que um árbitro da mesma categoria do que outro esteja mais indicado para certa partida. Por muitas razões entre as quais o seu pulso e temperamento, o seu prestígio e até o conceito em que o público tem a sua personalidade.

Ora, uma vez feito o Sorteio conhecem-se os desafios a que comumente se chama de *maior responsabilidade* mas não se podem conhecer todos os importantes e de ambiente carregado, porque estas perspectivas derivam do desenvolvimento gradual de uma competição de meia dúzia de meses, sujeita a variantes de diversa espécie e natureza. Não se tendo, pois, em conta o desenvolvimento e os incidentes da própria competição fazem-se nomeações pouco sensatas e inteligentes que, fatalmente, serão recebidas de sobrenho carregado e gerando por consequência um ambiente de hostilidade contra o árbitro. Este encaminhar-se-á para o desafio, sentindo que vai entrar para o inferno. E também se dará o contrário: desafios geralmente conceituados de grande importância passarão para um plano secundário, dada a pontuação dos contendores.

Fazer nomeações para toda uma época e sómente pelas indicações da precedente é ainda não ligar importância a um factor de relevo — que é a lei da forma. Assim como a actuação dos jogadores têm altos e baixos na mesma época, os quais se revelam de um desafio para o outro, também o juiz de campo está sujeito à *forma* em que influem factores de ordem fisiológica e psíquica, superiores à sua própria decisão e vontade. Criar um padrão de árbitro, sem côr clubista, apto fisicamente, sabedor das regras, a um tempo enérgico e benigno, liberto de incidentes e paixões exteriores, que sirva para todo e qualquer jogo em qualquer momento, afigura-se-nos irreal e utópico. Da Inglaterra ao Brasil não há de isso, e até os ingleses que foram actuar para terras brasileiras confirmaram que o tal padrão só é possível em teoria.

Não se vêm, pois, as vantagens da nomeação em molho para todas as folhas do calendário que não fossem alcançadas com as mesmas nomeações secretas, se assim entendessem, semana-a-semana. Antes se descontinham desvantagens em número suficiente para gerarem a confusão e desorientação. Ainda se compreenderia pelo aspecto de comodidade, desde que os componentes da Comissão Central uma vez feita a nomeação recolhessem

(Continua na página 11)

TAVARES DA SILVA

A primeira fase do Campeonato da 2.ª Divisão

Na época passada, pugnou-se muito pela reforma da orgânica do Campeonato da II Divisão. Ela surgiu, e esta época entra-se numa fase preparatória, como que uma espécie de trampolim para a solução definitiva.

Nas suas linhas gerais o projecto elaborado pela Associação de Futebol do Porto é o seguinte:

Prova disputada em quatro fases. A segunda começará em 12 de Novembro, realizando-se o sorteio no dia 3. Velamos descreminosamente cada fase:

1.ª — Uma prova distrital com o máximo de seis concorrentes — passando à fase imediata, os clubes melhor classificados, consoante o número de equipas que a sua Associação apresenta. Esta época, as Associações, podem excepcionalmente, apresentar mais de seis clubes.

2.ª fase — Com a participação de quarenta clubes divididos em dois grupos, que serão subdivididos em quatro zonas. É a seguinte a constituição dos grupos e das zonas:

GRUPO NORTE

ZONA «A»

Vila Real	1 clube
Braga	3 clubes
Porto	3 »
Aveiro	3 »

ZONA «B»

Guarda	1 clube
Viseu	2 clubes
Castelo Branco	1 clube
Coimbra	3 clubes
Leiria	3 »

GRUPO SUL

ZONA «C»

Lisboa	4 clubes
Setúbal	4 »
Santarém	2 »

ZONA «D»

Évora	2 clubes
Portalegre	2 »
Beja	2 »
Faro	2 »

Esta época a zona D, será disputada somente com nove clubes. O lugar vago é preenchido na próxima temporada, pelo clube melhor classificado na 4.ª fase do Campeonato da III Divisão de 1950-51.

A prova disputa-se por pontos em duas voltas, apurando-se os dois primeiros classificados.

Na terceira fase entrarão os dois primeiros de cada zona, agrupados pelos respectivos grupos.

A quarta fase é disputada pelos quatro apurados das duas zonas. Esta última fase será também em «poule» a duas voltas.

Como se vê a fase final da prova é igual à do ano passado. Só o apuramento é feito por intermédio dum torneio distrital. Portanto, os mesmos inconvenientes já apontados. Talvez haja agora uma mais rigorosa selecção de valores. O tempo dirá se o sistema convém...

O distrital de Lisboa, para apuramento dos quatro representantes da Associação lisboeta, no Nacional, principiou no domingo passado. São concorrentes Casa Pia, Alhandra, Olivais, Arroios, Palmense, F. Benfica e Operário.

Em virtude do aumento de concorrentes, de seis para sete, terço que se regular jogos em dias de semana, o que representa um esforço considerável para os jogadores.

Os clubes lisboetas prepararam-se com entusiasmo e afino. Uma vista de olhos pelos diversos agrupamentos diz-nos que: O Casa-Pia, para nós, o grande favorito do torneio, continua a ser treinado por Manuel Alexandre. Não há jogadores novos. O Casa-Pia continua a lutar com a prata da casa.

No Arroios, a grande novidade é a estreia de Peyroteo, o famoso avançado-centro, como treinador. Peyroteo com os

conhecimentos que possui pode, na verdade, fazer obra de valor. As equipas serão feitas à base da formação da época transacta e com alguns juniores e «reservas».

O treinador do Palmense é Eduardo Mesquita, antigo jogador do Sporting e do clube. Também não há novidades, mas a equipa está disposta a fazer carreira.

No Alhandra mantém-se Tanganho a treinar, e os jogadores novos são os seguintes: o guarda-redes Gomes que era do Benfica; Damão, Judas do «Elvas» e Vieira Franco do Atlético.

Dirigem a secção do Futebol Benfica os antigos jogadores da colectividade Luis Moreira e António Belo. Jogadores novos não há. Conta-se com os antigos, e os dirigentes crêm que eles chegarão.

O CASA-PIA TROPEÇA...

Velamos agora os jogos da 1.ª jornada:

Palmense, 1 — Casa-Pia, 1
Alhandra, 2 — Arroios, 3
Olivais, 2 — F. Benfica, 4

Em Palma realizou-se o mais importante encontro da jornada. O Casa-Pia não foi feliz. Um golo autêntico que alcançou foi injustificadamente recusado. A bola entrou claramente, e só um resalto brusco pôde provocar a confusão. O Palmense, desfalco de alguns elementos, fez um encontro à base de energia. O campo, muito acanhado, facilitou-lhe o processo. O desafio foi em geral mal jogado, abusando-se muito da «bola pelo ar».

No Casa-Pia, Coutinho e Mark fizeram uma boa partida. No Palmense houve vontade e genica a rodos.

Em Olivais o clube local não conseguiu fugir à derrota. A equipa parece mal preparada, com falta de treino e de trabalho com a bola. Esperemos que suba depressa. O Futebol Benfica mostra-se mais grupo, de superior homogeneidade, e maior tempo de jogos nas pernas.

Também este encontro não primou pela beleza. A bola andou intermitentemente no ar provocando o choque e a confusão. O resultado final reflecte com justiça o desenrolar da partida. No Futebol Benfica, os interiores Francisco Carvalho e Jorge foram os melhores.

Em Alhandra o grupo local não resistiu ao ímpeto do Arroios. O onze comandado por Peyroteo entrou na prova com o pé direito. Que continui a coleccionar triunfos, pois o seu smestres bem merece essa alegria. Nos visitantes Silva I e Féria, e nos locais, o guarda-redes Gomes, foram os melhores.

O BARREIRENSE PERDEU CONTRA O GINÁSIO DO SUL

No Campeonato de Setúbal, também de apuramento do Nacional da II Divisão, registaram-se os seguintes resultados:

Ginásio do Sul 1 — Barreirense 0
Luso 1 — Montijo 3
Seixal 2 — Cova da Piedade 2
C. U. F. 3 — Almada 1

De festejar a vitória do Ginásio do Sul, o clube que o experiente Augusto Amaro orienta, sobre o seu categorizado adversário do Barreiro. De festejar, principalmente, porque foi a primeira. E isso sabe sempre bem!

PERSPECTIVAS PARA A 2.ª JORNADA

Domingo em Lisboa teremos os seguintes jogos:

Casa-Pia — Alhandra
Arroios — Olivais
F. Benfica — Operário

Os visitantes parecem favoritos. Mas as surpresas surgem quando menos se espera.

O Operário estreia-se e é uma incógnita. De qualquer maneira, pode prever-se uma jornada de emoção. Aliás, como todas...

A. J. DE FREITAS



RALLYE AUTOMÓVEL A MIRAMAR — Em luta contra volantes da melhor categoria, o conhecido automobilista Clemente Mendes, de uma família que sempre se distinguiu em pugnas desportivas, conseguiu triunfar com brilho e inteiro merecimento, sendo o primeiro da classificação geral, isto é, o vencedor absoluto.

ECOS

DOS clubes lisboetas que estarão presentes na prova máxima do futebol português, tudo se sabe, mais ou menos, quanto às unidades com que contam para a defesa das suas cores.

Dizemos mais ou menos propositadamente, pois do Estoril Praia nada tem constado — além da dispensa dos elementos já comprometidos com outros clubes. Entretanto, o grupo da Costa do Sol conta com o concurso de Bravo, fazendo ainda reaparecer Lourenço. E é tudo... por agora.

ALÉM dos jogadores com que já firmou compromissos, o Belenense espera, ainda assegurar os serviços de Mário Rui, que na época passada jogou na Caparica, pois o Benfica — que o cedera por um ano — parece disposto a entregar a «cartas em definitivo».

DO clube do Campo Grande supomos que também não está tudo dito — quanto a «trutas».

Assim, cremos saber que é numa das duas equipas de juniores com que o Benfica vai para o Campeonato de Lisboa que está o futuro guarda-redes do clube, e que virão da Caparica e de Cascais dois elementos destinados a fazer furor.

Será verdade?...

POR entendimento entre Belenenses e Benfica, era usança, em tempos que não vão longe, os dos clubes aproveitarem o feriado do 5 de Outubro para uma jornada desportiva de confraternização, mas o uso perdeu-se, por isto ou por aquilo, e as duas massas associativas têm vivido um tanto afastadas.

Entretanto, por iniciativa dos dirigentes belenenses, parece que a tradição vai reviver — só não estando marcada, ainda, a data da sua realização.

Folgamos com a iniciativa, pelo que tem de útil para a reaproximação dos adeptos dos dois grandes clubes, e para a valorização do ideal desportivo.

ESTEVE prestes a firmar contrato com um dos «grandes» lisboetas, um elemento de Portalegre que se diz ser de bom futuro. As condições, porém, em que o «negócio» poderia chegar a bom termo, foram despropositadas — julgamos — e a oportunidade que o jogador tinha, para se evidenciar, foi «por água abaixo»...

NEM tudo corre bem, lá para os lados das Salésias... se dermos crédito ao que se afirma nos habituais «centros de informações».

Vicente do Ó, por exemplo, ainda não apareceu a renovar compromisso. E o famigerado Tremura (Chino) não regressará a Belém.

SEGUNDO o que corre com insistência, o clube lisboeta que melhores «trutas» apresenta esta época, não se contenta com um só elemento do Porto. Parece, pelo menos, que antes de sábado próximo ainda se ouvirá falar de Carvalho, o defesa esquerdo que chegou à internacionalização na última época.

Série II — Ano VIII — N.º 405
Lisboa, 6 de Setembro de 1950

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

—
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DA ROSA 252-1
Telefone: 31187 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade de
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

"CONFIO
e espero agradar"
diz com simplicidade
Francisco
que veio do Leixões para o Estoril



FRANCISCO,
que veio do
Leixões para o
Estoril



Aspecto da assistência. Na tribuna de honra, o Inspector dos Desportos dr. Salazar Carreira, o Governador Militar, brigadeiro Ayala e o delegado da D. G. na Madeira, cap. Homem Costa.

FOI feliz o conjunto de circunstâncias que permitiu a realização na Madeira do 4.º Campeonato Nacional de Voleibol. O grupo funchalense que na época passada se deslocara ao continente para disputar a prova, o conjunto de resultados obtidos na ilha por ocasião das diversas anteriores visitas de clubes e seleções lisboetas, haviam provado classe de jogo suficiente para avaliar tal iniciativa e pressupor rija competição entre locais e visitantes.

A realidade não desmentiu esta hipótese e, embora as duas primeiras jornadas do campeonato hajam afirmado de maneira incontestável a superioridade dos continentais, a réplica dos grupos madeirenses, principalmente o Nacional, foi de molde a deixar de pé, até ao último dia, a expectativa por uma admissível surpresa.

Surpresa houve logo no primeiro encontro do torneio, com a vitória alcançada pelo Lisboa Ginásio sobre o Técnico, após cinco partidas de alto nível que entusiasmaram a assistência e se podem classificar entre as melhores exibições registadas por grupos portugueses.

O resultado foi de 4/15, 15/5, 8/15, 15/12, 15/11 e decidiu-se a favor do Lisboa Ginásio, embora possa parecer paradoxal, na quarta partida, quando, aos 10-9 a favor dos ginásistas, o árbitro Graveiro Lopes expulsou até ao fim da partida o capitão da equipa, Mário Lemos; o golpe estimulou extraordinariamente os jogadores, grangeou-lhes o favor do público e abriu o caminho da vitória.



Os jogadores do Lisboa Ginásio abraçam-se após a vitória sobre o Técnico

NA época passada, o Estoril foi das mais infelizes equipas do Nacional. Só uma enérgica reacção operada nas últimas jornadas pôde afastar o espectro dos dois últimos lugares.

Esta época, parece que tudo correrá de maneira diferente. A casa está arrumada, o ambiente é outro, e trabalha-se com entusiasmo.

Alguns jogadores novos também surgiram, numa tentativa de remediar os pontos mais fracos do grupo.

Um desses futebolistas é Francisco Vilacova que alinhava no Leixões. Chico, como todos o conhecem, tinha nome na Segunda Divisão. A excelente classificação alcançada pelo clube portuense no último Nacional foi devida em parte à excelente colaboração de Francisco. Já o vimos treinar no Estoril, e impressionou-nos a sua força e espontaneidade de remate, e o seu marcado espírito de luta.

Era justo registar as suas primeiras impressões:

— Tenho 26 anos e jogo futebol há uns seis. Ultimamente, tenho alinhado a extremo-esquerdo, lugar que espero desempenhar no meu novo clube, mas as minhas preferências vão para interior do mesmo lado.

— Porque abandonou o Leixões?
— Fizera-me uma proposta para vir para o Estoril. Em Leixões estava desempregado e só podia contar com os prémios dos jogos. Por isso vim. Tenho agora um emprego, e além disso ordenado como jogador.

— Espera agradar?
Chico tem uma expressão de confiança:

— Com certeza. Não estou cá para outra coisa. Confio em mim e creio que me fixarei na primeira categoria.

— E não estranhou a mudança de ambiente e amizades?
— A camaradagem é excelente. No entanto quando vier a minha mulher e a cunhada ainda me sentirei melhor.

Uma transição:

— Saudades de Leixões?
— Algumas. Há coisas que não se esquecem com facilidade. Mas preciso de olhar pela minha vida, e não hesito. Estou no Estoril, e sinto-me perfeitamente.

Chico recorda, quase insensivelmente, alguns episódios da carreira do Leixões na última época:
— O ano passado o meu clube teve muita infelicidade. Calculei ganhámos três jogos ao Boavista, e não fomos à fase final!

VOLEIBOL

nos deram nunca, no entanto, sensação de poderem vencer, por carência de acção ofensiva; no voleibol não se consegue ganhar sem atacar e a capacidade atacante dos funchalenses foi na realidade escassa. No Vitória, apenas Mário Biscoito é susceptível de marcar pontos e, no Nacional, Rul Henriques perdeu poder e Fernando Oliveira é demasiado irregular porque — é de admirar como ainda lhe não corrigiram o defeito — salta à bola fora de tempo.

No desenvolvimento do Campeonato registou-se a curiosidade de, entre quatro equipas, três atingirem o fim empatadas em pontos, obrigando lógicamente a um torneio suplementar. O Nacional chegou mesmo a dar a sensação de vencer, depois de ter derrotado brilhantemente o Lisboa Ginásio, logo a seguir à vitória dos ginásistas sobre o Técnico. Mas estava escrito! Na final, o Técnico derrotou o Lisboa Ginásio por 3-1, após um jogo empolgante, conservando o título, pelo menos, por mais um ano.

Para concluir estas breves notas assinalaremos o interesse demonstrado pelo público, ocorrendo numerosos jogos e o carinhoso acolhimento dos desportistas madeirenses que cumulam de atenções os voleibolistas visitantes.

SALAZAR CARREIRA



Bonifácio remata uma bola; ao lado, Jaime Duarte. Em frente, João Pais, do Técnico.

No outro encontro da jornada, entre os grupos madeirenses, o Nacional bateu o Real Vitória por 15/3, 15/10, 11/15, 15/9, mas o jogo foi tão fraco, tão mau, que ninguém pôde acreditar que correspondesse ao verdadeiro valor das equipas.

Efectivamente, na ronda seguinte, a verdade definia-se; embora batidos ambos por 3-0 (Lisboa Ginásio-Real Vitória, 15/10, 15/8, 15/10 e Técnico - Nacional 15/7, 15/8, 15/11)

os grupos do Funchal agiram mais em acordo com o que deles se esperava, organizaram e convenientemente a defesa e conseguiram aos fortes adversários réplica valorosa. Não

As equipas do Lisboa Ginásio e do Nacional, antes do encontro que disputaram



"OVOMALTINE" alimenta e fortalece, sendo também uma bebida muito agradável!

Fernando de Vasconcelos de Sá

A entrevista aproxima-se do fim:
— Grande diferença nos treinos?
— Nem calcula! Em Leixões apareciam só três ou quatro, e o treino não passava duma brincadeira. Aqui não. Treina-se a sério e com rigor e intensidade. José Mota, o nosso orientador é um técnico competetíssimo e duma acentuada amabilidade para com os jogadores. Nunca se lhe vê um gesto de enfado...

Uma última pergunta:
— Planos?
— Trabalhar, trabalhar muito e sempre com vontade. Maquiel-me outro dia ligeiramente num treino, mas sem gravidade. Ao abrir da época estarei apto. A Sorte do Jogo ditará depois, a sentença...
E estas foram as primeiras impressões concedidas por Chico, um jogador que veio de Leixões e está disposto a marcar a sua presença em Lisboa, no Estoril. Oxalá o consiga.

A. J. DE FREITAS

CAMPEONATO CARIOCA

Especial para STADIUM do nosso representante
CANDEIAS ALVAREZ — Rio de Janeiro, 31 de Agosto

O Campeonato Carioca de Futebol tem agora apenas, um comandante: Vasco da Gama. A vitória a todos os títulos magnífica sobre o Bangu, alcançou os cruzmaltinos ao primeiro posto da tabela, merecidamente. A luta travada no Estádio Municipal perante uma assistência computada em cerca de 80 mil pessoas foi grandiosa. Épica mesmo. Duas equipas que se equivaleram durante 90 minutos em que desafiaram todo o sabor contido nas improvisações por parte de uns e no conjunto por parte de outros. Esquemas foram girando em que não seria desdenhada a rubrica pelos mais famosos «eloretus». Triangulações magníficas em que — mórmente por parte do Vasco — a bola correndo mais que o homem encontrava sempre no posto o seu «dominador». Jogadas a meio campo de uma beleza inextinguível eridas por esse fenómeno que se chama Zizinho. Golos espetaculares como o terceiro de Ademir, o «Diabo Branco», capaz de sozinho levar a sua equipa à vitória. Luta titânica de duas defesas viris mas levis com predomínio para Augusto e Wilson impressionantes de regularidade. A tudo isto assistimos. Durante 90 minutos não desorientamos mais que leves períodos de domínio para qualquer das bandas. Nos últimos vinte minutos da pelea, o Bangu tentou a reacção e pretendiu dar «chales» na «academia», mas quem se divertiu foi o Vasco que avantajado no placarde, consumiu o resto do tempo fazendo um pouco de «corra».

O resultado de 3 a 2 reflecte perfeitissimamente o que foi o encontro. O Vasco foi grande vencedor, mas o Bangu mesmo na derrota foi uma óptima equipa. Indiscutivelmente, o futebol gaúcho está enriquecido com a sua valorização. Quando todos os outros atravessam graves crises surge precisamente um clube suburbano para dar luta ao maior plantel brasileiro.

O Fluminense continua na mó de baixo de parceria com o Flamengo e o Botafogo.

Diz-se em Alvaro Chaves que a sequência de empates ia ser quebrada. E de facto foi-o..... mas não com uma vitória.

O popular América, hoje e sempre considerado o desbravador dos caminhos do Vasco da Gama, liquidou com as aspirações dos tricolores impondo-lhes um revez concludente. A hora em Alvaro Chaves é de desorientação e desânimo, e tenta-se de qualquer forma a conquista

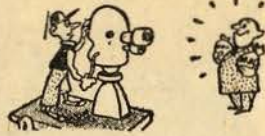
de novos elementos para reforço da equipa. O América surge-nos este ano com «sangue novo» e disposto a conquistar lugar de destaque. As suas vitórias sobre o Botafogo e Fluminense e o empate frente ao Madureira, adversário difícil quando jogando em casa elevaram-no ao segundo lugar da tabela. O trabalho incisivo dos orientadores da equipa começa a frutificar. Muito se espera ainda dos seus esforçados profissionais.

O Flamengo foi a «TABA» dos Baris, esteve ganhando até aos 88 minutos, mas acabou cedendo o empate. A equipa nem melhorou nem piorou. Existe ali qualquer coisa a perturbar a harmonia que deveria existir nos diversos sectores. A falta de um técnico deve ser a razão principal da confusão existente no Departamento Técnico.

Quando a linha avançada manobra com decisão e valor é a defesa que fracassa e vice-versa. Contra o Olaria, magnífico pelo espírito de luta evidenciando o quinteto atacante rubro-negro soube acertar, pela primeira vez com o caminho do golo, mas foi a defesa que anteriormente havia demonstrado um ponto alto de actuação quem claudicou. O encontro foi movimentado e ofereceu bons lances de futebol. O ingresso no Flamengo de Cândido de Oliveira como técnico das suas equipas bastantes benefícios trará ao «mais querido do Brasil».

Muito poucos esperavam o sucesso do Bonsucesso (passe a euforia) frente ao Madureira. Senhor absoluto do favoritismo o tricolor suburbano foi a Teixeira de Castro pensando em tudo menos na possibilidade da derrota. Mas o homem pensa e a bola dita... os resultados. Encontro fraco!

Por último o Botafogo, mesmo jogando em casa, não conseguiu mais que a vitória pela tangente, frente ao bisonho S. Cristóvão. Com uma equipa onde não apareceram alguns dos titulares o alvinegro não ofereceu aspectos de realce. A táctica adoptada de bola para a frente de qualquer forma diz bem da desorientação existente em General Severiano. O S. Cristóvão afinando pelo mesmo diapasão vem-se afirmando como o conjunto mais fraco do Campeonato. Foi, enfim, uma partida que não agradou.



Um filme italiano sobre futebol

EM Itália acaba de dar-se a última manivelada de um filme sobre futebol que, mesmo antes de correr, está a suscitar o mais vivo interesse.

O argumento é a história de um aficionado que se tornou rico com o Totocalcio (prognósticos). O filme levará cerca de duas horas a exhibir-se e nele participam as equipas de honra do Juventus e do Roma. Desta maneira a película vale também como documentário.

Está a fazer-se em Itália uma grande publicidade deste filme. A sua estreia dar-se-á quando o Juventus, campeão de Itália, efectuar o seu primeiro encontro, a 10 de Setembro próximo.

NOVOS VALORES DA NATAÇÃO

(Continuação da página 8)

Na temporada em curso, no «Festival de Aberturas», nova vitória, desta vez nos 66 metros-bruços, principiantes, em 51,6 s. No festival comemorativo do aniversário do Estoril Praia, triunfou nos 216 metros-bruços, em 3 m. 27 s. Na taça «Dia Olímpico», participou em quatro estafetas, três das quais ganhou pelo Estoril. E na taça «Fernando Scauduras» fez parte do elenco estorilista vencedor dos 3 x 66 metros, três estilos, principiantes.

Como pormenor curioso, registou-se que, quando da visita do Paris Université Clube, na época passada, Vasco da Silva Ribeiro, foi convidado para participar na prova de 100 metros-bruços, clássico, creditando-se de 1 m. 28 s.

Dotado de excelentes condições para o «bruços-clássico», bom estilista, Vasco da Silva Ribeiro tem à sua frente largo futuro, tudo levando a crer que venha a ocupar na natação portuguesa lugar de incontestável relevo.

ABREU TORRES

O BENFICA ESTÁ DE VOLTA...

A O cabo de uma digressão de quarenta dias pelo continente africano — período de tempo que serviu muito bem a provar às gentes do Benfica o valor da projecção do seu clube em terras de Angola e Moçambique, e como é admirado na África do Sul e no Congo Belga — estão em Lisboa desde anteontem os campeões nacionais e latinos de futebol, saudados à chegada pelos seus numerosos adeptos e simpatizantes com idêntica vibração clubista à que havia sido patenteada na despedida, em 25 de Julho, no mesmo local.

Saudados apoteoticamente pela população de todas as terras que visitaram; acarinhados fraternalmente pelos metropolitanos que nas plagas africanas alimentam saudosa recordação da pátria distante, os homens do Benfica voltam satisfeitos e felizes, inundados pela alegria de terem cumprido a missão que se propuseram de levar aos desportistas de além-mar o amplexo de seus irmãos que os não esqueceram.

Com a publicação das últimas fotografias que documentam a passagem do Benfica pelo continente negro, registemos também os resultados dos derradeiros jogos feitos pela equipa dos «encarnados»: empate a uma bola em Nova Lisboa, no dia 27 de Agosto; vitória por 10-3 em Silva Porto, no dia 29 e vitória por 3-2, novamente em Luanda, no dia 1 do corrente.

Recapitulando: o Benfica fez 14 jogos, dos quais perdeu 3, empatou 1 e ganhou 10, com um total de 57 golos marcados e 22 sofridos.

Quanto a troféus conquistados ou recebidos por oferta, também o Benfica pode considerar-se satisfeito, pois é valiosíssima e numerosa a colecção dos que vai fazer «ingressar» na sua riquíssima «Sala das Taças».

O F. C. DO PORTO NAS FESTAS DE LAMEGO



F. C. do Porto 3 — Sporting Clube de Lamego 1 — Talvez se possa dizer imprópriamente, mas com verdade que este encontro disputado a 27 de Agosto foi o primeiro da temporada. O campeão do Norte participou nas Festas de Lamego, colaborando na homenagem prestada ao treinador do grupo local, Jacinto Mestre. O grupo visitante apresentou-se com Serafim (do Boavista) e Catolino (do Tirsense) e ganhou merecidamente por 3-1. Publicamos os grupos que jogaram: à esquerda o F. C. do Porto e do outro lado o Sporting Clube de Lamego

Os campeonatos nacionais disputados em Coimbra

As provas máximas da natação lusitana, disputadas na piscina municipal de Coimbra, reunindo a inscrição das quatro Associações do continente — Lisboa, Coimbra, Porto e Aveiro — patenteram amplamente, como, aliás, era natural e lógico, a superioridade manifesta dos representantes da capital. Não houve, de facto, como em 1949, no mesmo cenário, despiques inter-regionais. O Porto viu-se privado dos irmãos Guimarães — de Abel Araújo, principalmente — e Alfría Maria Fiel não compareceu desta vez. O Funchal não

como nos «regionais», ao antigo campeão Baptista Pereira, naquela última prova. João Franco do Vale repetiu, também, o seu triunfo de 1949, ainda que em marca modesta para as suas possibilidades, merecendo, no entanto, relevo a actuação de Eurico Rocha Surry.

Albano Fidalgo de Oliveira — valoroso representante do Estoril — inscreveu pela primeira vez o seu nome na lista dos campeões nacionais, triunfando nos 200 metros-bruços, clássico, logo seguido de outro jovem de largo futuro — o representante do Adicense, Arnaldo Santiago.

Depois de Abel Guimarães — vencedor dos 100 metros-mariposa, em 1949 — esta prova conheceu, na sua segunda edição, novo campeão: José Inácio Borja. Saliente-se o magnífico «tempo» de José Borja — 1 m. 24. s. e que o trás, assim, ao primeiro plano da natação portuguesa. Com efeito, não faltam qualidades ao jovem representante do Algés, sem dúvida um dos mais valiosos da moderna geração.

Registe-se, também, a vitória do Algés e Dafundo na estafeta olímpica de 4 x 200 metros-livres, com Borja, Vale, Patrone e Madeira, e bem assim, a actuação de alguns nadadores que, não chegando a campeões, atingiram, no entanto, boa craveira. Estão neste caso, Eurico Perdigão, Baptista Pereira, Vítor Lopes, Eurico Rocha Surry, Luís Lopes da Conceição e Arnaldo Santiago.

Nas provas femininas — disputadas, apenas, por nadadoras da capital — Regina Deniz Mendes, Fernanda Silveira Cunha e Lucília Angeja chamaram a si os respectivos títulos.

Um nome, no entanto, merece uma citação especial. Trata-se de um nadador que, não tendo participado, é certo, nas provas de campeonato, obteve, no entanto, numa corrida complementar, um «tempo» de real categoria — o melhor que se obteve em Coimbra. Trata-se de Manuel Almeida, o jovem «princípio» do «Santa Clara» que correu os 200 metros-bruços, no excelente «tempo» de 3 m. 5.6 s., apossando-se, assim, do recorde nacional da respectiva categoria. Trata-se, segundo lemos, de um produto de Luís Lopes da Conceição. Parabéns, portanto, ao atleta e ao treinador.

Coimbra viveu mais uma importante jornada natatória. A avaliar pela excelente matéria prima apresentada nas provas complementares, Coimbra necessita, agora, de resolver com urgência o problema da sua piscina de inverno. Assim, a preparação dos seus elementos ganhará novas possibilidades. E a cidade do Mondego transformar-se-á, por certo, no centro a que tem jus e que a natação portuguesa tanto necessita.



MANUEL DE ALMEIDA, nadador do Santa Clara, que se revelou como praticante de largo futuro, ao bater o recorde nacional da sua categoria na prova de 200 metros bruços, fazendo um tempo de classe

nos enviou os seus campeões que tanto animaram as competições máximas nos últimos anos e o «cás» conimbreiense não pôde lutar, agora, em pé de igualdade com os campeões lisboetas.

De forma que, os «nacionais» de 1950 caracterizaram-se, antes de mais, pela superioridade dos nadadores da capital, com relevo para Guilherme Patrone que repetiu o seu triunfo de 1949 nos 100 metros-livres e conquistou, também, o título dos 200 metros-livres. Fernando Madeira — o nadador do ano — conquistou os seus primeiros títulos nacionais: 400 e 1.500 metros-livres, superiorizando-se brilhantemente, tal

As "SENSACIONAIS" aquisições do Internacional de Milão

Os clubes italianos entraram há tempos decididamente em desenfreada carreira de importação de jogadores. Todos à porfia pretendem apresentar melhores aquisições uns do que os outros... Mas o Internacional de Milão preparava-se para passar por cima de todos! Ao menos conseguiu o seu objectivo nos domínios da publicidade, espalhando sensacionais notícias de transferências. Mesmo não se confirmando estas, o meio agitou-se.



O Internacional pôs a correr haver assegurado nada mais nada menos do que o concurso dos seguintes aces mundialmente conhecidos: Mortensen, do Blackpool, e Hogie, do Arsenal; Steel, do Derby County; Bassora, do Borussia; e ainda os suecos, verdadeiras maravilhas, Skoglund e Hansen.

Por isto ou por aquilo sucedeu, porém, o inevitável: — nenhum dos nomes apontados vestirá a camisola do Internacional de Milão, preferindo a tranquilidade dos seus clubes à sua semipátria. Mas se estas transferências se confirmarem — o Internacional de Milão ficaria quase invencível, dado que em matéria de futebol não há equipas invencíveis.

CLUBE ORIENTAL DE LISBOA

O Boletim do mês de Agosto, do Clube Oriental de Lisboa, de que é director o sr. Jaime António, teve a amabilidade de enaltecer o bom serviço prestado pela «Stadium» ao clube, quando em fins de Julho publicámos uma larga reportagem sobre a vida da colectividade, que, importa ter presente, é hoje um valor que se destaca no quadro desportivo do País. Tomando boa nota de tais referências, reafirmamos pela nossa parte o desejo de, continuando a servir o Desporto, não esquecer os factos e as afirmações mais salientes da vida e expansão do Oriental, uma das instituições mais populares de Lisboa e de grande projecção social.

Clube Desportivo da Póvoa de Varzim

A direcção deste clube agradece, em offício, a valiosa colaboração por nós prestada à prova «Taça de Ouro da Póvoa de Varzim». Pode o clube contar sempre com o nosso interesse, pois assim cumprimos um dever que é grato ao nosso espírito.

Associação de Futebol de Aveiro

Deram-nos o prazer da sua visita os srs. dr. José Cristo, Alberto Souto e José Ferreira, da Associação de Futebol de Aveiro, que, com os cumprimentos daquela Associação que sempre se tem distinguido pelo estudo dos problemas que respeitam ao futebol português, nos fizeram entrega de um artístico prato comemorativo das «bodas de prata» da referida Associação.

A GLORIOSA INCERTEZA

NÃO nos parece que possa classificar-se de exagero considerar Alvaro Dias como o glorioso vencedor da prova de Bruxelas: vítima, em primeiro lugar, de um regulamento caprichoso, depois da clássica incerteza do desporto.

Pela letra da fórmula de disputa dos campeonatos dos concursos, os participantes deviam sujeitar-se a uma prova de apuramento, na qual necessitariam de atingir um mínimo para, no dia seguinte, participarem na final; os organizadores, ignoro porque motivo, aboliram a eliminatória no triplo-salto, mas mantiveram-na no salto em comprimento, prova onde o número de concorrentes era igualmente reduzido.

Na prova de apuramento apenas quatro saltadores atingem o mínimo, entre os quais Alvaro Dias, ao primeiro ensaio, se classifica com 7, m. 32, a melhor marca do dia; e, perante a penúria dos resultados, quatro saltadores mais são pescados do lote restante, admitidos na final com iguais direitos aos que satisfizeram ao preceito regulamentar. Mais ainda: os saltos da eliminatória não contam para a final e, no dia seguinte, o campeão português inferioriza-se por qualquer razão, não consegue melhor do que 7 metros, a sua pior marca do ano e fica relegado para quarto lugar, sendo consagrado vencedor um adversário que transpôs precisamente os mesmos 7,32 que ele pulara na véspera e, no terceiro posto um daqueles que fôra, retido sem haver alcançado o mínimo imposto pelo regulamento.

A sorte foi muito injusta para Alvaro Dias, o melhor atleta de 1950; mas as nossas previsões cumpriram-se uma vez mais, pois se classificou em Bruxelas entre os cinco primeiros da sua prova e ficou demonstrado de maneira inofensável que possui classe para poder ter sido campeão da Europa.

SALAZAR CARREIRA

com **Lumière**
não há más

FOTOGRAFIAS



Isa uma casa no bairro de Jeffrey Gardens de uma cidade americana que tem uma piscina para os seus inquilinos, e até uma competição de natação, a gentilíssima Joan Williams, que olha pelas crianças e as ensina a nadar.

Nos Campeonatos que se disputaram em Forest Hills foi admitida, pela primeira vez e contra a tradição, a estrela negra do ténis, Althea Gibson, que perdeu contra Miss Brough. Mas o duelo foi interrompido quando havia um empate. A tenista negra observa o marcador, um pouco irritada e descontente.



No jogo de pares-homens verificou-se a seguinte cena pitoresca: o americano Schroeder devolve a bola com esforço e cai, não conseguindo seu companheiro, também esforçado e em situação crítica, ganhar o ponto. O resultado de pares-homens resolveu o pleito.

TAÇA Davis



Em Forest Hills, a Austrália reconquistou a Taça Davis, por intermédio dos seus representantes, Jack Bromwick e Frank Sedgman, que são os primeiros da esquerda, um deles acariciando o troféu valioso pelo seu simbolismo, logo seguidos dos americanos Ted Schroeder e Gardner Mulloy.

A Taça Davis voltou a ficar na posse da Austrália, consonante as nossas previsões.

Os norte-americanos, verdadeiramente fora de forma, deixaram-se vencer nos três primeiros desafios, apesar de terem feito grandes esforços para dominar a corrente dos acontecimentos.

O encontro inicial travou-se entre Frank Sedgman e o californiano Tom Brown. Sedgman, seguro e potente, limpou o primeiro set ao fim de 10 minutos, impondo um ritmo verdadeiramente eclético. No segundo set, Brown conseguiu três saques, equilibrou o jogo e teve infelicidade ao perder por 8/6. O terceiro foi um duelo violento de serviços, em que o australiano se revelou feliz, acabando por triunfar, com o resultado de 9/7.

Mac Gregor, o outro selecionado da Austrália, entrou na pista cheio de confiança. Conhecendo a moralidade de Ted Schroeder, lento a pôr-se em acção, atacou a fundo. Concentrou-se para vencer por knockout e enbriado pelo rumo dos acontecimentos arrancou o primeiro set por 13/11.

Nos seguintes, Schroeder manifestou fadiga embora lutasse cheio de vontade, livrando seis bolas decisivas antes de perder, por 8/3, 8/4, contra um adversário pertinaz e em grande forma.

O desafio de pares teve o desfecho que estava previsto. A pareilha Bromwich-Sedgman dominou perfeitamente a sociedade Schroeder-Mulloy, obtendo o resultado de 4/6, 6/4, 8/2, 4/6, 6/4. Os norte-americanos lutaram corajosamente contra o mais forte agrupamento do Mundo e sucumbiram ao cabo de uma batalha prolongada mas de resultado evidente.

Os outros dois desafios do torneio, mormente protocolares, já não tiveram qualquer interesse e a Taça passou para os australianos, mais uma vez.

R. P.

NOVOS VALORES DA NATAÇÃO

Vasco da Silva Ribeiro

do ESTORIL PRAIA

brucista de bom estilo e largo futuro



É, felizmente, bastante numeroso o núcleo de jovens praticantes de natação aos quais, em virtude dos resultados, se pode vaticinar, sem exagerado optimismo, largo e brilhante futuro.

Um simples relance sobre os resultados alcançados por «iniciados» e «princiantes», demonstra bem que, em qualquer dos estilos, a melhoria dos tempos continua em bom ritmo.

O grupo é numeroso. Não vamos agora enumerar os nomes de todos que o compõem. Mas destacamos um, Vasco da Silva Ribeiro, o excelente «brucista» do Grupo Desportivo Estoril Praia, que hoje inaugura esta secção.

Vasco da Silva Ribeiro — que na primeira jornada dos Campeonatos Regionais, triunfou nos 100 metros-bruços, principiantes, em 1 m. 29,2 s. — aprendeu a nadar, aos oito anos de idade, na praia do Lagoal, em Caxias, com o professor António Borrecho.

Ingressando no Estoril Praia, onde muito se tem aperfeiçoado e progredido, sob a direcção de Alberto Asinhal dos Santos, participou pela primeira vez, em provas de competição, aos treze anos de idade, num torneio organizado pelo clube da Costa do Sol. E estreou-se, diga-se desde já, da melhor maneira: tendo disputado duas provas — 33 metros-livres e 33 metros-bruços — triunfou em ambas, com as marcas respectivas de 22,6 s. e 30 s.

Na temporada de 1948, então na categoria de infantis, Vasco Ribeiro triunfou em todas as provas reservadas à sua categoria, nos Campeonatos Regionais, ou seja, nas de 33 metros-bruços, costas e livres. Venceu os 25 metros-bruços e os 25 metros-costas na taça «Raul» Fandada, uma organização do Clube Sportivo de Pedrouços. Nas provas complementares dos Campeonatos Nacionais — nesse ano disputados em Lisboa — alcançou o primeiro posto nos 33 metros-

-bruços e 33 metros-livres, e o segundo nos 33 metros-costas. E no «Festival de Encerramentos» de novo conquistou os 33 metros-bruços e os 33 metros-livres.

Na época de 1949, na categoria de «iniciados», Vasco Ribeiro alcançou valioso conjunto de classificações e conseguiu melhorar, consideravelmente, os seus tempos. Totalizou onze primeiros lugares individuais, e dois colectivos. Eis o quadro dos seus melhores resultados da época transacta: 33 metros-bruços — 24 s.; 66 metros-bruços — 53,5 s.; 66 metros-mariposa — 55,3 s.; 66 metros-livres — 47,1 s.; 66 metros-costas — 1 m. 04 s.

Nos Campeonatos Regionais alcançou com brilho o título dos 100 metros-bruços, em 1 m. 32,4 s. E, quando dos Nacionais, em Coimbra, numa prova complementar, Vasco Ribeiro fixou o recorde da referida distância em 1 m. 30,5 s. Este tempo seria depois melhorado, em 8 de Setembro, na piscina de Alhandra, para 1 m. 27,5 s. Também na piscina de Alhandra, Vasco Ribeiro fez parte — com Gomes da Costa e João Domingos — da equipa de «iniciados» do Estoril Praia que colocou em 4 m. 09,8 s., o recorde nacional da estafeta de 3 x 100 metros, três estilos.

Um apontamento mais: na festa de homenagem a Artur Mendes Silva, levada a efeito na piscina do Parque, Vasco Ribeiro registou duas vitórias mais: nos 72 metros-bruços e nos 72 metros-mariposa.

(Continua na página 8)

ABRIU A EPOCA!

BELENENSES bate ORIENTAL por 2-0

Desafio renhido como se fôra de campeonato! — Estreia de Castela, Pedroto, Castanheira, Graça e Teixeira do Silva — A bola girou muito pelo ar, mas registaram-se apontamentos rasoáveis de futebol



A equipa de honra do Belenenses que fez a sua apresentação na Tapadinha, incluindo titulares e suplentes



A equipa de honra do Oriental que jogou contra o Belenenses na Tapadinha, revelando mais uma vez genica e desassombro na luta



Castela, todo no ar, em posição correcta, num esforço extraordinariamente enérgico, faz um corte de cabeça



Pedroto, jogador fino mas cheio de decisão, carrega Vieira, o guarda-redes que jogou na segunda parte



Na marcação de um canto, Sidónio causa assombro ao elevar-se mais que todos, rematando estupidamente de cabeça, mas a bola não lhe faz a vontade e sai para fora



Narciso, numa jogada pessoal, correndo do lado esquerdo para o direito, descobre uma abertura e faz uma passagem larga a Sidónio, que marca forte o primeiro golo



Rebelo, que não se vê na foto, remata rasteiro uma bola vinda da defesa do Oriental e obtém o 2.º ponto



Os dois interiores, Pedroto e Castanheira, estreados pelo Belenenses, ostentando pela primeira vez a Cruz de Cristo



TEIXEIRA DA SILVA, ao vestir pela primeira vez a camisola do Oriental



GRAÇA, envergando a equipa do Oriental

«O ELVAS»

O Campeonato Nacional de 1949-50 apresentou-nos uma novidade: desde que é disputado entre catorze equipas, houve, pela primeira vez, a baixa simultânea de dois clubes, à Divisão inferior.

O «Elvas» e o «Lusitano» foram os atingidos pela má sorte. Aos elvenses foi concedida ainda uma «chance» para se furtarem à despromoção. Não o puderam evitar — e horizontes mais largos se rasgaram!

Baixar de Divisão não é tão catastrófico como muitos supõem. Quando existe ânimo e valor real, o «estágio» na categoria inferior resulta numa provação muitas vezes útil.

Todos se devem lembrar o que aconteceu à Académica de Coimbra e agora ao Boavista.

Lutar por uma posição perdida e pelo menos tão belo como lutar... para não ficar em último.

E assim se escrevem páginas perduráveis na história dos clubes...

A ACTIVIDADE DO «ELVAS»

A equipa elvensis tem valor mais que suficiente para recuperar e fazê-lo até com brilhantismo.

LUSITANO F. C.

O Lusitano de Vila Real de Santo António entrou na I Divisão na época de 1947-48, depois de ter batido o Farnalhão num jogo emocionante, por 3-2.

De então para cá, a sua classificação tem piorado com toda a regularidade; 12.º no primeiro ano, 13.º no seguinte, e 14.º no último.

Chamados a defender a sua posição na época anterior, contra os seus comprouvianos de Portimão, os «encarnados» algarvios conseguiram safar-se do espectro da despromoção. Mas, este ano, o corte foi automático.

Não fora a deserção de muitos dos seus «titulares», as possibilidades do Lusitano recuperar o seu lugar entre os Grandes, eram apreciáveis, pois trata-se de uma equipa «endurecida» numa competição maior.

O êxito da sua próxima prova depende do valor dos substitutos e da sua capacidade de se integrarem num conjunto unido e homogéneo.

ESTATÍSTICA

Nos três anos de competição maior, o Lusitano disputou 78 jogos, dos quais ganhou 21, empatou 9 e perdeu 48. O «goal-average» é pouco brilhante: 94-270. De notar que este ano, o Lusitano marcou 42 golos e que no

No Campeonato findo, o «Elvas» não foi além de 8 vitórias e 3 empates, mas deve tomar-se em conta que esse resultado foi quase todo conseguido «em casa». Quer dizer: apenas perderam 3 jogos no seu campo — e somente empataram um «fora»!

O «goal-average» foi razoável: 48-65.

Nas competições anteriores os elvenses obtiveram sucessivamente as classificações: 9.º, 10.º, 8.º, 9.º e, agora, 13.º.

Na totalidade; fizeram 126 jogos, ganhando 43, empatando 15 e tendo perdido 68. Em bolas, a marcação é de 268 a favor contra 356.

Os golos da época passada foram marcados pelos «internacionais» Patalino, 12 e Joaquim Teixeira, 9; Manuelito, 8; Massano, 6; J. Vieira, 4; Cadete, 3; Sousa e Quaresma, 2 e Casimiro e Sainina, um cada.

As melhores marcas, em cada ano, foram: 1945-46 — 3-0, 5-2 e 6-3 (respectivamente contra o Oliveirense, V. Setúbal e Boavista); 1946-47 — 8-0 e 8-1 (Santjoanense e Boavista); 1947-48 — 12-1 (Académica); 1948-49 — 7-0 (Atlético); e 1949-50 — 4-1 (Sp. Braga). E como acaba de se ver, os elvenses têm sido pródigos em «goleadas»...

conjunto dos dois anteriores não foi além de 52...

Os «encarnados» algarvios perderam todos os jogos disputados no campo do adversário na época finda. Registraram 7 vitórias, 2 empates, 17 derrotas (das quais só 4 em casa!), e 42-80, em bolas.

Os marcadores foram: Pedroto, 12; Luís, 7; Almeida, 6; Angelino e Germano, 5 cada; Madeira, 3, Raúl, 2; Calvino e Manero, um cada.

As melhores marcas do Lusitano, em cada ano, foram as seguintes: 1947-48 — 5-1 (Boavista); 1948-49 — 2-0 (Sp. Braga); 1949-50 — 3-0 (V. Guimarães) e 4-1 (Sp. Braga).

PASSAGEM DE TESTEMUNHO

A preencher as vagas do «Elvas» e do Lusitano, apresentam-se, plétóricos de entusiasmo e esperança, o Boavista e o Oriental. A este último já nos referimos desenvolvidamente em número recente.

Ao Boavista dedicamos agora referências breves, porque o espaço é pouco e a nova época está à porta e faz esquecer a que passou...

Os «axadrezados» conquistaram o título de campeões da



José Roquete continua a ser a figura número um do ténis português, como o prova a conquista de mais um título nacional, individualmente e em pares mistos. Na companhia da senhora De-laforce, José Roquete colecionou mais um triunfo para o qual contribuiu a excelente jogadora que é mistresa De-laforce.



O simpatíssimo casal Cohen chegou à final de pares mistos no Campeonato Nacional e resistiu com grande energia. Trata-se de dois grandes entusiastas do ténis, excelentes jogadores e desportistas de uma correcção modelar.



Embora vencidos na final de pares-homens do Campeonato Nacional, José Roquete e Vasco Horta e Costa, este um dos melhores animadores dos courts portugueses onde, infelizmente, nem sempre aparece, ambos admiráveis desportistas não perdem a boa disposição.

II Divisão, averbando 22 vitórias, 2 empates e 6 derrotas, e 96-36 em golos, no total dos jogos efectuados nas várias fases da árdua competição.

Os melhores marcadores foram: Alcino, 25, Caiado, 18; Barros, Lourenço, Serafim e Luzia, 12 cada.

O Boavista já disputou seis Campeonatos da I Divisão, obtendo 43 vitórias, 24 empates, 69 derrotas, 241-337 em bolas, nos 136 desafios realizados.

Como temos feito com os demais clubes, damos as melhores marcas do Boavista, na I Divisão, indicando também a respectiva classificação:

1935-36 (6.º class.) — 4-0 (Caracelinhos); 1940-41 (8.º) — 1-0 (Unidos); 1945-46 (11.º) — 5-0 (Académica); 1946-47 (9.º) — 7-1 (Académica) 1947-48 (9.º) — 4-0 (Sp. Braga); 1948-49 (14.º) — 6-1 (Lusitano).

*

Damos assim por terminadas as notas que vimos publicando sobre a actividade das principais equipas nacionais de futebol, em cada época.

Viremos a página do passado — e voltemo-nos, com confiança, para a do futuro, que ora começa.

VASCO SANTOS

A Volta a Portugal e a «Stadium»

O nosso prezado colega «Diário do Norte», brilhante organizador da Volta a Portugal, escreve-nos dizendo que para o êxito da prova muito concorreu o espírito de solidariedade evidenciado pela nossa Revista e a valiosa contribuição das nossas reportagens orientadas com o mais alto e desapassionado sentido jornalístico.

Precisa dum carro?

Comp-e um AUSTIN

que compra bem



AUSTIN A 70

Distribuidores gerais:

J. J. Gonçalves Sucrs.
LISBOA — PORTO

Agentes em todos os Distritos

APONTAMENTOS TÉCNICOS

IV — Os pontapés

A faculdade de jogar a bola de pontapé, sempre ao alcance do praticante do rugby, não poderá ser convenientemente aproveitada sem prévia e cuidada aprendizagem que proporcione o melhor rendimento das condições muito especiais resultantes do formato da bola.

Tácticamente, também o emprego do pontapé — mesmo quando executado com perfeita técnica — se restringe dentro de determinados limites; nada mais nefasto para a regularidade do jogo da equipa do que o uso irrefletido do pontapé para diante todo ao acaso, entregando invariavelmente a bola ao adversário. Sobre tudo, o pontapé de estilo futebol, devolvido directamente uma bola que vem rolando, é sempre de perigosíssimas contingências, pois a própria forma irregular da bola transforma esse acto tão simples num mistério de consequências.

Como regra, poderemos estabelecer que todos os pontapés aplicados no decurso da partida partem de jogadores que previamente se apossaram da bola com as mãos, os quais a podem despachar de duas maneiras: por choque directo ou de ressalto. Para aplicar o pontapé directo segura-se a bola com as duas mãos, de maneira que o eixo maior fique paralelo ao eixo dos braços estendidos obliquamente para diante e para baixo, e:

- a) olhar para o ponto visado e, depois, fixar a vista na bola.
- b) dirigir o topo anterior da bola na direcção do objectivo.
- c) descair ligeiramente os

braços e o tronco e largar a bola, soltando-a ao mesmo tempo das duas mãos. Fundamental: não se atrai a bola, larga-se das mãos.

d) seguir sempre a bola com o olhar e assegurar o equilíbrio do movimento do pontapé com a acção dos braços, afastando-os à retaguarda do tronco.

e) Pontapé: a coxa avança adiantada, extensão do joelho e contacto pelo peito do pé.

O pontapé de ressalto é de mais difícil execução:

- 1.º segurar a bola como no caso anterior.
- 2.º extensão dos braços e ligeira descida anterior. Bola inclínada a 45º no momento da libertação.

- 3.º largar a bola, conservando o ângulo de queda, para que caia um pouco à frente da linha do pé em apoio.

- 4.º bater a bola com uma pancada seca do peito do pé no momento imediato ao seu contacto com o solo, usando os braços para equilíbrio e inclinando o tronco à retaguarda.

Outra variedade de pontapé, o pontapé colocado, não é propriamente uma fase de jogada, pois só se aplica após uma interrupção de jogo, para tentativa de transformação de caso ou para execução de penalidade: no primeiro caso a bola é obrigatoriamente posta ao solo por um companheiro de equipa do executante; no segundo caso a bola é livremente colocada no solo.

Posição da bola (apoio sobre um dos topos do eixo maior) relativamente à distância do objectivo:

- a) bola na vertical ou com o topo superior inclinado para o executante, para os casos de curta ou média distância (máximo de 25 a 30 metros).

- b) topo superior inclinado para o objectivo, nos casos de maior distância.

Colocação da bola: escolher um local plano e cavar, batendo com o calcanhar e rodando, até conseguir um buraco onde a bola se mantenha na posição desejada. A técnica varia quando a bola deve ficar de topo para o objectivo; neste caso, forma-se um montinho de terra e outro menos alto, ambos no eixo do pontapé e mais baixo o que fica do lado do executante; a bola é colocada sobre ambos, de maneira que fique livre a extremidade a bater. Estas indicações dependem, evidentemente, da natureza do terreno.

Das tres variantes indicadas, é o pontapé directo aquele de mais comum aplicação e que deve ser treinado por todos os jogadores até desembaraçada execução em corrida e alcançada a certeza no lançamento. É indispensável que a bola vá cair no ponto visado. Se o pontapé é dado para aliviar o

campo em ocasião de ataque adversário, é indispensável dirigir-lo para a linha lateral, com a garantia de atirar a bola fora do retângulo, sem possibilidade de intervenção dos jogadores do campo oposto. Caso contrário, a vantagem seria nula, pois imediatamente nasce o contra-ataque, mais perigoso talvez do que a primitiva ofensiva.

Se o pontapé se emprega em ataque, pretendendo endereçar a bola a um companheiro mais livre de movimentos e desmoldado afastado para o passe manual, é necessário graduar a força e a forma da trajectória de maneira que a bola atinja o ponto visado no momento preciso em que lá se encontra o destinatário. Os pontapés ao acaso, vício terrível dos principiantes, que facilmente se atrapalham quando atacados, pensando apenas em livrar-se da bola, são de péssimas consequências, pois oferecem, por via de regra, a bola ao adversário.

Para conseguir a precisão no pontapé directo, o mais eficaz processo de treino consiste na colocação de dois jogadores afastados a distâncias variáveis, os quais mutuamente pontapeiam a bola na direcção do outro; tal exercício tem dupla vantagem, porque contribui para a certeza do cálculo da força e direcção do pontapé e adentra ao mesmo tempo na recepção da bola. O exercício seriado, começa-se parado e continua-se em corrida e em todas as direcções.

SALAZAR CARREIRA

O massagista dos campeões do MUNDO



MATTUCHI, o massagista da equipa nacional do Uruguai, vencedora do Campeonato do Mundo, tem uma história brilhante. Mais nenhuma pessoa se poderá orgulhar dos títulos deste homem...

E que Mattuchi era já treinador das Selecções uruguaias que ganharam os Jogos Olímpicos de 1924 e 28 e o 1.º Campeonato do Mundo em 1930.

E Mattuchi não deve ficar por aqui... Em entrevista concedida a um jornal do seu País, Mattuchi afirmou que está na disposição de aumentar o seu recorde — treinando a equipa nacional uruguai que, na Suíça, em 1954, porá em jogo o título mundial.

Nomeações em molho

(Continuação da página 2)

tranquilamente a penates, deixando sentado na secretária para algum expediente o funcionário respectivo, reaparecendo só mais tarde no cair e fecho da temporada. Mas não é a comodidade que nesta questão mais interessa.

Estes reparos vão certamente ao encontro do desejo manifestado pela Comissão Central de uma estreita colaboração com a crítica afirmada, além de tudo, pelo pedido formulado de uma apreciação larga ao trabalho dos juizes de campo, apreciação que não estando em causa os propósitos da Comissão Central e da Crítica, nem sempre se pode manifestar inteiramente, como por várias vezes temos comprovado.

Os dirigentes dos árbitros evidenciaram o desejo de conduzir e orientar conscienciosamente o movimento do apito pecando no entanto por se entregarem — outra coisa não nos revelaram! — demasiadamente às questões reitivamente burocráticas (à falta de melhor termo) e nada nos dizendo sobre medidas de ordem técnica tendentes a manter o mesmo nível de arbitragem em cada campo, cada árbitro interpretando as regras no mesmo tom de maneira à interpretação surgir certa e não desfigurada, e ao aperfeiçoamento dos mesmos. Não ficaria mal à Comissão Central, querendo esta marcar a sua presença, antes de começar a Primeira Divisão, que é o espelho do futebol português, dar as indicações referentes à chamada *uniformidade de critérios*, ao mesmo tempo cartilha para os seus filiados e ensinamento para o público, que, aliás, gosta de ser esclarecido e que comete precisamente algumas imprudências por falta de esclarecimentos, fazendo acompanhar a publicação de um documento dessa natureza com reuniões periódicas dos seus servidores e filiados, para esclarecer as grandes e principais dúvidas que suscitam praticamente as regras no tocante a variados aspectos, como conduta dos jogadores em campo, cargas, elemento «vontade» no julgamento das faltas, para já não referir a primária necessidade do bom entendimento entre os três elementos da direcção de uma partida que pode ser traçada em teoria e logo aperfeiçoada no retângulo, de modo a fugir-se tanto quanto possível a denegação de golos já depois de concedidos e vice-versa, sem que a decisão ou rectificação do árbitro seja baseada em certeza mas sim em estado de dúvida, como vem a suceder com relativa frequência desde que foi implantada a arbitragem dos 3 árbitros. Para que qualquer sistema seja bom e comporte o menor número de lacunas é preciso que a execução não tenha falhas. Confiamos, no entanto, que, após a casa arrumada, devidamente tratado o aspecto burocrático, a Comissão Central se volte para os problemas de ordem técnica que têm na sua mão. Que sejam mais técnicos e menos mangas de alpaca.

TAVARES DA SILVA

Conselhos úteis sobre futebol

Este tão útil livro foi ampliado no seu número de páginas, afim de se incluir mais alguns assuntos de grande interesse, como:

Transferências de jogadores

condições exigíveis para o efeito — forma de requerer — nota de documentos a apresentar, etc., etc.

Eleição de corpos gerentes

a Assembleia Geral — a eleição — obrigatoriedade dos eleitos e reeleitos — minutos de requerimentos e as já anunciadas

Leis do jogo — actualizadas

Uma lição de ginástica para futebolistas

Método de treino de futebol

Conselhos a Enfermeiros-Massagistas — Conselhos a Árbitros e jogadores — O campo — O clube — O equipamento

ESTE LIVRO ESTÁ À VENDA NA

CASA DESPORTO

Rua da Madalena, 196-Lisboa

PREÇO 12\$50

Pelo correio mais 250



O rei Humberto de Itália, coloca os laços nos cavalos premiados



O cap. Barros e Cunha, no «Belver», vencedor da Taça de Honra — Câmara Municipal de Sintra



O tenente Farrusco Junior, no «Bayer», que venceu o Grande Prémio de Sintra



M.ª Ana de Mendia, no «Frondeur», que correu na prova «Câmara Municipal de Sintra»

CONCURSO HIPÍCO de Sintra

A TAÇA DE HONRA foi ganha pelo cap. **BARROS E CUNHA** no «Belver»



Os seis classificados da Taça de Honra: cap. Barros e Cunha, cap. Levi Martins, alf. Fernando Ferreira, cap. António Spinola, cap. Couto Carpinteiro e cap. Fernando Pais



CAMPEÃO de Tênis de mesa da Madeira de 1950

Manuel de Freitas Rocha, do Clube Desportivo 1.º de Maio, cuja fotografia publicamos, classificou-se brilhantemente campeão da Madeira, em ténis de mesa, batendo na final José Rufino Gonçalves, do União, obtendo o seguinte resultado nas

5 partidas: 14/21, 19/21, 21/17, 22/21 e 21/19. A luta foi, portanto, nivelada, o que mais valoriza a vitória de Manuel Rocha, que gostaríamos de ver admitido num Campeonato Nacional. A Madeira tem dado desportistas de tão bom quilate — que nunca deverá ser esquecida... É de notar que o «1.º de Maio», fundado relativamente há pouco tempo, marca em várias modalidades uma posição de relevo, sinal certo de boa orientação de quem dirige e de interesse por parte da camada praticante e associativa.



SPORTING DA COVILHA PREPARA-SE PARA FAZER UMA BOA ÉPOCA — Com vista à época de 1950-51, o «conze» dos «Leões da Serra», 8.ª filiada do Sporting Clube de Portugal, sob a orientação técnica do seu treinador, «mister» Joan Szabo, está a preparar-se activamente para manter ou melhorar a sua posição no Campeonato Nacional da Primeira Divisão.

O grupo foi reforçado com Eminência, do Olhanense; Mário Reis, do Benfica; Toninho, do Salgueiros; e de Simões, do Olivirense. E continuará a contar com a colaboração de Simonyi, António José, Carlos Ferreira, Tomás, Diamantino, Fialho, Martin, José Pedro, Livramento, Guedes, Chico-Chico, Venâncio e, mais tarde, com Roqui, impossibilitado temporariamente por ter sido operado ao menisco.

Szabo está a treinar o grupo quatro vezes por semana. A apresentação contra a Académica de Coimbra, a quem venceu por 6-2, já indica alguma coisa.



SPORTING CLUBE CAMPOMAIORRENSE, CAMPEÃO DO DISTRITO DE PORTALEGRE, EM JUNIORES, TEM-SE AFIRMADO UM VALOR — Trata-se de um grupo de futebol, categoria de Juniores, formado por excelentes elementos. No primeiro plano, da esquerda para a direita: Manolo, Terrinca, Morcela, Azinhais, Carrilho e João Ruas (massagista). No segundo plano: Cabelado, Silveira, Clero, Borrego, Favita, Caturra, Pilar e António Lourenço (treinador).

Para comprovar o valor destes rapazes, basta referir que, em oito partidas para o Campeonato distrital conseguiram 5 vitórias, 2 empates e 1 derrota, 9 golos contra 3. Utilizaram preclaramente os 12 jogadores que estão na foto. No campeonato nacional foram eliminados pelo Juventude de Évora, no 4.º desafio, e após três empates em três partidas.

UM FILHO DE PEIXE QUE PROCURA SABER NADAR...

Nada mais ambicioso do que ser tão bom guarda-redes como meu pai
 — declarou-nos **FAUSTO**
 QUE VEIO DO UNIÃO DE LAMAS PARA O SPORT LISBOA E BENFICA



Estado de magnificência para cumprir o seu posto que esse será Fausto, na sua nova guarda-redes do Benfica?

PROMETEMOS, há uma semana, que trataríamos a estas colunas, para o apresentar aos nossos leitores, o novo guarda-redes do Benfica.
 E vamos o cumprir.

Se nos permittem, porquanto, aqui têm na vossa frente um rapazinho forte e sadio, aspecto de provinciano franco, um olhar leal de quem não teme inimigos — mesmo quando estes possuam a mais terrífica armadura com que se pode enfrentar um guarda de futebol: pés certeiros e violentos. O nome? Ah vai! — Fausto dos Santos Ricardo. Tem 21 anos, feitos há um mês exacto, em 5 de Agosto, e nasceu em Paços de Brandão, uma encantadora localidade da formosíssima região do Vale do Vouga.

Fausto dos Santos Ricardo é duas vezes recruta, na vida social, visto que está a cumprir o serviço militar em Engenharia, e porque é sentoço praças no Benfica.

Chegam estes elementos de identificação? Não!!! Nesse caso, é melhor que conversemos com o Fausto, não acham? Ora vamos lá:

— Está disposto a entreter a curiosidade dos leitores da «Stadium»?

— Para mim, será um prazer falar para a sua Revista — uma publicação que leio com frequência, e em cujas colunas nunca esperei, confesso, depor como entrevistado.

— Obrigado pela amabilidade. Para começar, diga-me cá: — quando e onde iniciou a sua carreira?

— Em Paços de Brandão, nos clubes que aqui em Lisboa designam por populares. Mais tarde, precisamente no ano em que o Sanjoanense deixou de intervir no Campeonato Nacional da I Divisão, ingressei no União de Lamas, e por lá me mantive até ao final da época de 1948/49.

— Desde quando está no serviço militar?

— Sou soldado desde Março do ano corrente.

— A sua vinda para o Benfica é uma resultante dessa situação?

— Não senhor. Em 1948-49 fui abordado por um «ferrenhos benfiquista do Porto, o sr. José Falcão, após um jogo que o União de Lamas fez contra o Ovarense, e escutei da sua boca a proposta de me apresentar no Benfica. Como sou benfiquista desde há muitos anos, aceitei a ideia com uma alegria que não pode calcular, e vim a Lisboa em Outubro, para ser experimentado.

Disposto a confidências, Fausto continua:

— Julgo que agradei, pois foi desde logo encarada a hipótese da minha transferência. Entretanto, os dirigentes do União não foram razoáveis, e eu vi perder-se uma excelente oportunidade se satisfizer o velho sonho de me aperfeiçoar. Valeu-me, todavia, o facto de sentar praça em Março, e a sorte de me ter caído vir para um regimento de Lisboa.

— E quando terminar o serviço militar?

— Será o Benfica a decidir do meu futuro. Ou fico por cá... ou regresso.

Esta última hipótese, contudo, dar-me-á muita tristeza.

— Gosta assim tanto do seu novo clube?

— Não é só a minha inclinação pelo Benfica que me leva a dizer-lhe isto. Quando se joga o futebol pelo prazer que esse desporto nos proporciona, alimenta-se sempre o desejo natural, e legítimo, de progredir. E no Benfica eu posso progredir tanto, sob as ordens de treinadores hábeis e dedicados, que satisfaça a maior ambição da minha vida... — Ser internacional, não?

— Não penso nisso. Quero, apenas, atingir a projecção que foi alcançada por meu pai, que chegou à posição de melhor guarda-redes do distrito de Aveiro. O nome dele infundia respeito a todos os avançados adversários, e eu desejo ardentemente que ele possa vir a orgulhar-se de mim. Nada mais.

— Está disposto, nesse caso, a fixar-se na categoria de honra do Benfica?

— Embora saiba que isso é difícil, vou lutar com alma por conseguí-lo. Quero poder orgulhar-me de alinhar na principal equipa do mais popular clube português.

Que tal, leitores? Acham que temos o direito de fazer mais perguntas? Nós, sinceramente o dizemos, cremos que não.

O remate foi violento, mas as mãos de Fausto são seguras. Parcos, por esta imagem, que o Benfica pode confiar no seu novo defensor...

O melhor remate para a apresentação do Fausto dos Santos Ricardo — um jovem a quem todos vamos vaticinar um futuro esplêndido, um futuro coroado pela satisfação do desejo de bem honrar o passado desportivo de seu pai — parece-nos ser a última resposta que lhe ouvimos.

Se prosseguissemos, este trabalho perderia o pouco mérito que tem.

ROSA DE MATOS



Os jogadores do Benfica não estão abandonados em Joanesburgo, como a sua numerosa folga de apoio — portuguesa do Sul e de Moçambique — festejando ruidosamente o solitário golo benfiquista. Bandeiras portuguesas, e do clube lisboeta, agitam-se freneticamente.

ULTIMAS IMAGENS DO BENFICA EM AFRICA

Em Joanesburgo, Contreiras pula para executar a defesa. Entretanto, o indomável Xico Ferreira entrou fulgurantemente de cabeça, e o esférico acabou por ser afastado da área de perigo dos benfiquistas.



Júlio, em voo correcto que lhe permitiu uma atitude plena de harmonia, cabeceia a bola para Corona. Araújo, no primeiro plano, parece subjogado pela beleza do lance, e três jogadores da Africa do Sul fazem-lhe companhia.



Em Moçambique, realizou-se uma caçada de homenagem aos camponeses latinos. Nestes, Calado, Contreiras e Júlio protagonizam orgulhosamente os leões abatidos, e Jacinto e Rosário posam para a posteridade, a o lado das feras... «E sempre viva o Benfica».



Os sul-africanos da selecção combinada do Transvaal obtiveram o seu quarto tento, na conclusão de um ataque ao guarda-redes a que os nossos jogadores não estão habituados. Xico Ferreira, Contreiras, Jacinto e Feliz, contestam o tento, rodeando o árbitro. Este, contudo, manteve a sua decisão.



a vida desportiva POR ESSE MUNDO FORA

NOTA DA SEMANA

A hora da renúncia soa implacavelmente para todos os desportistas. E como o instante solene da mudança entre a Vida e a Morte, cuja fronteira se encerra e apenas deixa filtrar vagas recordações, esbatidas pelo véu do esquecimento.

As imposições do Destino nem sempre são fáceis de aceitar. Promovem forte dose de antagonismo no espírito humano, quantas vezes mais violento e tenaz do que a lógica ou o bom senso, que leva o indivíduo a precipitar-se na dura realidade.

Dick Turpin, ex-campeão de Inglaterra de «médios» não pertence à falange dos iludidos. Compreendeu ter chegado a altura das despedidas, antes de ser demasiado tarde, e deliberou abandonar resignadamente a vida de jogador de soco, mas fê-lo com a galhardia que ides conhecer.

Entre Dick Turpin e Albert Finch a rivalidade não podia ser maior. O mulato de Warwick e o loiro de Croydon levaram atrás de si duas correntes de opiniões, convictas e inabaláveis.

Dois combates entre os leaders, ambos perdidos por Turpin com atenuantes aceitáveis, foram impotentes para demonstrar a supremacia à desforra, Albert Finch recebeu do adversário a carta que não resistimos à tentação de deixar ignorada:

«Meu caro Alberto: A noite passada demonstraste, a mim e aos meus amigos, que já é tempo de Dick Turpin escrever a palavra FIM na sua carreira de jogador de boxe.

«Disputámos três grandes batalhas e penso que em cada uma os espectadores deram por bem empregado o seu dinheiro. Depois do encontro decisivo compreendi que chegara o momento de renunciar à profissão, se o quiser fazer em boa altura.

«Obrigado, pois, por me haveres feito essa mercê. Minha mulher associa-se aos meus agradecimentos. Espero encontrar-te muitas vezes mais com a diferença de que eu estarei perto do ringue para te aplaudir.

«Os meus votos sinceros de felicidade e de grandes êxitos futuros. Sinceramente vosso, Alberto Turpin».

Presado leitor, diga se este gesto tem ou não bastante nobreza e inteligência. E, ainda, se desmente, ou não, o lugar comum de que os pugilistas têm, no cérebro, uma dose notável de estupidez, misturada com outra igual de ambição pelo dinheiro.

É certo que os Dick Turpin não abundam; no entanto existem, com o que nos devemos congratular sinceramente.

EM Viena de Austria, outrora a cidade do luzo, da poesia e do Amor, reuniu-se o Congresso da Liga Europeia de Natação.

Quarenta delegados de treze países, entre os quais o nosso não figurou (como o da Rússia, Checoslováquia e Luxemburgo, também ficaram ausentes) compareceram no restaurante Hanswirth, deliberando, no meio de grande entusiasmo, apoiar moral e financeiramente o organismo criado por E. G. Drigny, recusar a língua russa como língua oficial e negar provimento ao concurso dos nadadores norte-africanos, nas futuras competições.

Por último deliberou-se que os próximos campeonatos europeus (1954) fossem atribuídos à Itália e se celebrem em Turim.

De um modo geral, a Imprensa regista com satisfação a unanimidade de pontos de vista dos delegados das Federações e o alto desejo de cooperarem entre si para o progresso do desporto aquático. E, é tanto mais para nos regosarmos quanto é certo que, há bem poucos meses, o desacordo era grande pondo em risco o êxito dos campeonatos europeus, agora realizados.

Como dizem os franceses: tudo o que termina em bem, decorreu bem.

Viena parece-nos um local predestinado, para as soluções pacíficas e conciliadoras. Desde o famoso Congresso de 1815, depois da queda de Napoleão, quantas vezes o destino da Europa não foi ali discutido e organizado, entre acordes harmoniosos, flores e retórica?

A Rússia sai diminuída, ficando entregue ao seu isolamento. Vítima de uma intransigência política, vale a pena verificar o desfazer das ilusões do colosso nórdico e a coesão dos representantes do resto da Europa, quando a incerteza do dia seguinte parece temível.

Outra consequência de relevo foi a comparação dos nadadores alemães, entre os quais figurou o estatuário Klain, vitorioso na prova de 200 metros — estilo borboleta, entre aplausos calorosos e vementes do público austríaco.

Ele e o saltador Gunther Haas puseram a nota sentimental na partitura. O regresso da Alemanha deve ser tomado como bom augúrio e cinco anos de penalidade bastam como punição.

RAFAEL BARRADAS

OS JOGADORES SUECOS

tiveram uma herança do Brasil



A Federação de Futebol da Suécia caiu das nuvens ao receber um telegrama do Mundo, cerca de um milhão e meio da cruzados, isto é, mais de 1.500 do Brasil informando-a a saber-lhe a sua parte, na receita do Campeonato contos em moeda portuguesa.

Ora, a verdade é que os suecos não esperavam receber tanto dinheiro... Os seus cálculos já haviam sido feitos só para metade da importante maquia. Mas o pior de tudo foi o problema que se pôs à Federação sueca: — Que fazer a tanto dinheiro! Que fazer!

A importância nem sequer podia ser dividida pelos jogadores — em virtude destes serem amadores (apesar de vigorarem o amadorismo na Suécia, este País tem dado excelentes jogadores e teve a honra de disputar a Fase das Finalíssimas do Campeonato do Mundo!). Mas alguma coisa, a Federação havia de fazer ao dinheiro.

Os dirigentes reuniram-se, e, após longa meditação, que os deixou a escorrer suor, apesar da temperatura frígida da Suécia, tiveram a luminosa ideia de consumirem parte do dinheiro que lhes havia caído do céu aos trambalhões, oferecendo nos jogadores uma prenda valiosa — melhor ainda do que aquela que foi oferecida a quando da vitória sueca no torneio olímpico de 1936.

Se bem pensaram, melhor fizeram — mandando vir da América 15 automóveis, os quais foram entregues aos jogadores, um a cada um, que participaram nos encontros disputados no Brasil.

Não se pode fazer ideia da alegria dos dirigentes e dos jogadores. Os primeiros porque, apesar da quanta despendida nas prendas, ainda ficaram com alguns milhares de cruzados nos cofres federativos. Os segundos — nem falar nisso é bom. Ter um automóvel é um desejo veemente de todo o homem, e até dos suecos. Oxalá que o automóvel não prejudique o treino dos jogadores-amadores da Suécia.

Natação

Os campeonatos da Europa deste ano, celebrados em Viena d'Austria, foram um belo triunfo dos concorrentes alemães, apesar das enormes dificuldades que tiveram de suportar durante os treinos.

Jany (França) conquistou o título dos 100 metros e dos 400 (estilo livre) com os tempos de 57,7 seg. e 4 m. 48 seg., respectivamente.

O germânico R. Lehmann venceu os 1.500 m. em 19 m. 48,2 seg. (novo recorde da Alemanha) à frente de Boiteaux (França) e Bernardo (França). O tempo é francamente banal, comparado com os resultados americanos e japoneses.

A corrida de 100 metros (costas) coube ao sueco Larsson, em 1 m. 9,4 seg., batendo o holandês Kievit e o suediavo Skanata. Notou-se a falta do nadador francês Vallerey, ausente por doença.

Klein, alemão, triunfou nos 200 metros (bruchos) com 2 m. 38,6 seg., seguido de Lusien (França). Ambos se mostraram nadadores de grande classe internacional, e o seu estilo borboleta é sem dúvida perfeito.

A prova de estafetas (4 x 200) terminou com a vitória da Suécia, em 9 m. 6,5 seg.

Em bola-aquática os holandeses dominaram em absoluto, apesar do belo comportamento dos italianos. Obtiveram 6 vitórias, 0 derrotas e 9 empates, totalizando 12 pontos.

A Suécia ficou em 2.º lugar (9 pts.), seguindo-se-lhe a Suésilávia (9 pts.), a Itália (6 pts.), a Austria (4 pts.), a França (2) e a Suíça (0).

Nas provas de trampolim ficou vitorioso o alemão Alderhold e na de altas voos outro alemão, W. Haase.

Boxe

Ray «Sugar» Robinson, campeão do Mundo de semi-médios, obteve uma nova vitória relâmpago, abatendo José Basora em 52 segundos de combate.

Basora, durante esse curto intervalo de tempo, esteve três vezes na lona e depois de definitivamente batido só veio a si passados 7 minutos. O combate realizou-se em Seranton (Pensilvânia).

Em Ostende (Bélgica) o campeão belga de pesos-leves, José Preys, conservou o título da categoria, ganhando nitidamente por pontos ao pretendente, C. Odon.

Em Casablanca (N. de África) os restos mortais de Marcel Cerdan, juntamente com os dos seus pais, foram inhumados e reunidos no jazigo de família. Esta dolorosa cerimónia foi presenciada por muitos amigos do falecido desportista e bem assim pelas pessoas de família.

Atletismo

O campeonato da Europa de 1950, agora realizado em Bruxelas, revelou os progressos notáveis dos desportistas europeus, conforme se verifica pela quantidade de novos recordes.

Foi de 13 o número de novas marcas e estabeleceu-se, além disso, um máximo continental, no atrezo do peso; no conjunto feminino, houve 6 recordes batidos, prova cabal da melhoria de forma e de capacidade de todos os concorrentes.

Os resultados individuais foram os seguintes:

100 metros: Bally (França) com 10,5 seg.; 200 m.: Shendon (G. B.) em 21,5; 400 m.: Pugh (G. B.) no tempo de 47,3 seg.; 800 m.: Parlett (G. B.) em 1 m. 50,5 seg.; 1.500 m.: Slijkhuis (Hol.) com 3 m. 47,2 seg.; 5.000 e 10.000 m.: Zatopek (Che.) em 14 m. 9 seg. e 29 m. 12 seg.; 110 barreiras: Marie (Fr.) em 14,8 seg.; 400 barreiras: Filippit (Itali.) em 51,9 seg.; 3.000 com obstáculos: Roudnar (Heid.) em 9 m. 7,4 seg.; Maratonas: Holden (G. B.) com 2 h. 32 m. 18,8 seg.; Salto em altura: Paterson (G. B.) com 1,96; Combaque: Bryngersson (Isl.) com 7,32; Kara: Lundberg (Sué.) com 4,30 seg.; Tsyph: Shebakov (Rússia) com 15,31 m.; Empatamento do peso: Husely (Ale.) com 16,74 m.; Discos: Consolat (Itali.) com 59,75; Dardos: Hystiainen (Fin.) com 21,26; Martelo: Strandli (Noruega) com 55,71 metros; Deaatlo: Heinrich (Fran.) com 7,364 pontos; Estafetas 4 x 100: Rússia, em 41,5 seg.; 4 x 400: Grã-Bretanha, com 3 m. 10,2 seg.; 10.000 metros (marcha): Schwab (Suíça) em 46 m. 1,8 seg.; 50 Km. (marcha): Dordoni (Itália) em 4 h. 40 m. 49 seg.

A classificação oficial dos diferentes países, no grupo masculino, atribuído à França 75 pts.; 69 à Inglaterra; 60 à Suécia; 50 à Itália; 49 à Finlândia; 42 à Rússia; 28 à Islândia e à Checo-Eslaváquia; 23 à Noruega; 15 à Holanda; 15 à Suésilávia; 8 à Suíça; 6 à Holanda; 4 à Turquia; 3 à Polónia e Portugal e 1 ao Luxemburgo.

De notar que os nossos vizinhos e amigos espanhóis, com uma representação mais numerosa, não conseguiram passar das eliminatórias.

No grupo feminino a Rússia dominou amplamente, com 77 pts., seguida da Grã-Bretanha (44), Holanda (38), França (29) e Itália (8).

O admirável lançador de peso norte-americano Jim Fuchs, ultrapassou o recorde mundial da especialidade, atirando a esfera metálica à distância extraordinária de 17,95 metros.

Numa tentativa subsequente, na qual pisou o limite por muito pouco, fez mais de 18 metros.

Com LUMIÈRE
não há más
fotografias

Curiosidades...

Gastou-se tinta a rodos com um caso: Pedroto-Porto-Leiões-Belenenses.

Segundo parece, o F. C. Porto recebeu do Leixões a scarta de descobrigação. O jogador, pertenceria ao Leixões, uma vez concluído o serviço militar em Tavira...

Pergunta-se agora: o Porto não tomou compromissos com o Leixões? Ou deu-lhe Valongo e ainda um desafio para... ficar sem Pedroto?

O «internacional» Carvalho, do F. C. do Porto, declarou a um colega portuense que não abandonaria o seu clube. Sempre julgamos assim. Há problemas que não podem ser apreciados com descuido, nem dissecados a torto e a direito.

O F. C. do Porto conta apresentando, como reserva de Barrigana, o guarda-redes Magalhães, que pertenceu ao Sporting e ao Beira Mar, de Aveiro. Não conhecemos o valor deste novo elemento dos azuis-brancos.

Há certas perturbações dentro do principal clube portuense. A nova Comissão Administrativa dos campeões já tomou posse, e estamos certos de que tudo voltará à normalidade.

Ainda não chegou o treinador que o F. C. do Porto aguarda de Inglaterra. Melhor dizendo: — ainda não chegou até a altura em que escrevemos... Também se desmentiu a vinda de um jogador inglês para as fileiras azuis-brancas.

Sorrimos sempre quando se anuncia uma grande «truta» para a equipa do F. C. Porto. Acontece sempre isto: — a «truta» aparece logo no dia seguinte na equipa de outra colectividade... Depois disto — são nomeados «camigos íntimos e distintíssimos» da conhecida agremiação da Praça do Município!

Começou no domingo o futebol extra-oficial. Nada de novo, na apresentação das equipas do primeiro plano portuense! Além do que já era sabido — bem pouco, afinal.

Entre os árbitros portuenses há certo descontentamento pelo facto de só Vieira da Costa, António Morgado e Avelino Ribeiro serem chamados a dirigir desafios da I Divisão Nacional. Não se descobre lá muito bem, na verdade, o critério seguido pela Comissão Central de Árbitros de Futebol. Mas é natural que haja razão e é melhor esperar pelos efeitos, no decurso do próximo campeonato.

na capital do NORTE

O REGRESSO DE ARAÚJO

ARAÚJO, o popularíssimo «internacional» do F. C. Porto, foi autorizado a jogar pelo menos 4 desafios. A decisão foi tomada por um Conselho Médico composto pelos Drs. José Braga, Prata de Lima e Carlos Borrea, e aguarda-se agora que nas reuniões futuras fique devidamente regulada a situação do simpático jogador.

A notícia, como não podia deixar de ser, causou no Porto, pelo menos, justificado entusiasmo. Pensa-se que estará aberto o caminho para o regresso definitivo de António Araújo, e recorda-se a falta tremenda que o rapaz tem feito à sua equipa.

Numa carta que Araújo fez publicar no nosso prezado colega «Futebol», falamos Araújo das suas esperanças e das suas alegrias por saber que vai tomar contacto com o público e com o jogo. Reafirma o seu amor à camisola azul-branca, mas declarou que se o não deixarem jogar futebol em Portugal, no seu clube — aceitará um convite para alinhar numa equipa de Espanha.

E aqui está o aspecto lamentável do caso. António Araújo sente-se com a maior coragem para jogar, respira bem, impressiona o mais agradavelmente possível, e comunica-nos que jogará no país vizinho se o não puder fazer aqui. Ora, porque havemos de perder assim um elemento que valorizará as equipas espanholas em prejuízo do nosso futebol?

Temos a esperança de ver Araújo, definitivamente, nas fileiras do clube portuense, que é como quem diz — ao serviço do futebol nacional. Acreditamos na sentença médica, claro está, e uma delas, ou mesmo duas, vindas pela mão autoritária dos professores catedráticos

João Cid dos Santos e Pulido Valente, garantem que o mal não impede Araújo de praticar o seu desporto favorito.

Além disso, o querido «internacional» dos portuenses — e porque não dos portugueses? — descansou e tratou-se durante largo tempo. Há perto de dois anos que não joga oficialmente, e tudo isto junto terá contribuído para se apresentar agora em boa condição física. Vamos, portanto, ver jogar António Araújo. Sentimo-nos entusiasmados com a possibilidade, quase certeza, talvez, de apreciarmos de novo a sua classe nos campos de jogo. A sua classe e a sua correcção exemplar, pois estamos em presença de um dos mais educados jogadores de futebol.

O problema de Gastão

O jogador Gastão pediu transferência para o Sporting. É um problema, mas um problema que o F. C. Porto não pode largar de mão. O atleta de cor não deverá ser transferido sem violência, tanto mais que o clube portuense também se sacrificou por ele, não cobrando a afirmação produzida pelo próprio sobre uma possível falta de carinho dos ex-dirigentes da sua colectividade. Nem tanto tempo estiveram à frente dos destinos do F. C. Porto...

De resto, — dizer que se dá mal com os ares do Porto e bem com os de Lisboa, pode ter tanto de fantasia como de injustiça. Essa razão é desde já peregrina, e chamaria para a discussão, com certeza, muita gente ligada aos problemas científicos.

Acreditamos por isso na serenidade dos julgadores. Um dirigente afirmou na «Bola» que talvez Gastão não interessasse a ninguém. Ao arrojado do transmitido por um elemento responsável, deve opor-se pelo menos a certeza de que estes assuntos, interesse ou não interesse, são apreciados à sombra do que está regulamentado. A dar-se o contrário, caíremos inevitavelmente no círculo vicioso, na desleigante atitude de chegar cada um a brasa para a sua sardinha, sem se atender a leis e a preceitos.

Nesta época, toda a gente caiu sobre jogadores do F. C. Porto. Basta apreciar as listas de transferências. Até agora — nem um só elemento para o clube da Constituição. Dali para fora — uma razoável quantidade de elementos. Alguns que pretendem, poteros, não os consecutivos. Logo, julgamos que se prestará também ao caso Gastão o cuidado devido, tendo-se em conta que o clube nortenho o havia colocado num organismo público e nunca deixou de o considerar. Como de resto merecia. Se algum motivo de queixa pode ter, nos últimos tempos, não pensará isso de molde a justificar uma transferência intempestiva.

Aborrecimentos, todos têm. Os de Gastão, naturalmente, não abrem caminho a questões graves.

Mosaicos nortenhos

ALFREDO VOLTARÁ COM CERTEZA!

alarme é de facto justificado, Alfredo Pais, defesa seguríssimo, internacional, — «não jogará futebol». Tratar-se-ia, neste caso, de um abandono de muita arrelia para as fileiras azuis-brancas, e por isso não surpreende o aborrecimento dos adeptos do popular clube e do popular jogador.

Diz-se que Alfredo não comparecerá — e «terminantemente». Mas nós, que conhecemos bem a sua dedicação ao jogo e à colectividade, não acreditamos no «terminantemente». Alfredo Pais sabe muito bem que a sua colectividade atravessa «mais uma vez», difícil situação, e regressará com certeza ao seio da sua equipa.

E oxalá assim aconteça. Alfredo é novo, valorizará ainda muito o futebol português, e continuaremos a vê-lo jogar...

Depois de composta esta notícia, sabemos que Alfredo assinou a sua ficha. Assim como Carvalho. Tal como esperávamos, afinal.

ELOI SILVA ABANDONARÁ A ASSOCIAÇÃO DE CICLISMO?

O presidente da Associação de Ciclismo do Porto, Eloi da Silva, foi eleito para a Comissão Administrativa do F. C. Porto. É um bom dirigente, trabalhador incansável, e bem andaram os associados do clube nortenho em escolher elemento de tamanha valia.

Surge, porém, um problema — o da A. de Ciclismo do Norte, de que é presidente. Abandonará? Devemos dizer que o ciclismo nortenho deve a Eloi Silva muito esforço, visto que a «Volta a Portugal», é inegável, veio para o Porto devido ao seu labor e ao seu prestígio.

Mas... lucrará por certo o seu clube. O dinamismo do conhecido desportista nortenho é também muito preciso no lugar para que o elegeram.



Um quadro oferecido a Dias Santos

Do sr. Veludo Gouveia, residente no Porto, recebemos a seguinte carta, que publicamos gostosamente pela ideia que em nós vive de dar razão a quem a tem:

«Na «Stadium» vem uma fotografia de Dias dos Santos com a legenda «...com o quadro oferecido pela Direcção do seu clube...». Como certamente por lapso foi dada essa informação, eu, conhecedor da verdade, venho junto dessa Redacção informar do seguinte.

O troféu que Dias dos Santos ostenta era para lhe ser oferecido pelo autor; porém, e para tal, era necessário conseguir na massa associativa a quantia de 1.200\$000. E como não havia possibilidades de arranjar tal importância, quatro associados — Adolfo Paul, José Guimarães de Sousa, Albano F. M. Pedrosa e José Ribeiro — instaram junto do autor e conseguiram obter aquele troféu por 900\$000. Porém, apenas tinham ainda obtido somente 600\$000, e para que não deixassem de ofertar a Dias dos Santos pelos seus merecimentos, assumiram a responsabilidade pelo que faltava. E, após profundos esforços foi totalizado aquele custo.»

DANCING
DE LUXO

VARIEDADES às 0,30 e 2,15

ÉXITO FORMIDAVEL DO

TRIO BARSÍ

ÉXITO GRANDIOSO DO

BALLET HELLÍOS

Rosário Guerra ★ Rosa Estrela em bailes à guitarra

Mary Carmen Montes — Rosita de Malaga — Mary Mely — Petia Levante — Mary Arilla — Melita Martin — Ana Maria — Mariessa Mar

DUAS ORQUESTRAS

Nocturnos e Arcádia

LEIXÕES 1-PORTO 1



Pedro, defesa do Leixões, anula vigorosamente um ataque do Porto



Monteiro da Costa tenta esquivar-se, em jogada de cabeça, à defesa do Leixões



Anttiago, guarda-redes do Leixões, defende uma bola alta — antecipando-se a Sanfins

SALGUEIROS 2 - LEÇA 0



Uma defesa, apertada e oportuna, de Oliveira, guarda-redes do Salgueiros



Oliveira, do Salgueiros, não consegue defender, dando a impressão de se ter feito à bola de olhos fechados. A bola sai fora e emenda o erro!

RAMALDENSE 1-BOAVISTA 5



A equipa do Boavista que tomou parte na festa de despedida de Belmiro Ferreira, do Ramaldense, e que se prepara para fazer uma boa época



Serafim, capitão do Boavista, entrega a Belmiro Ferreira, do Ramaldense, uma lembrança, na sua festa de despedida



Mário, guarda-redes do Ramaldense, defende um perigoso remate